

## Histórias para Acender e Queimar: Transições Midiático-Narrativas em Caixas de Fósforos

Paula Mastroberti ([paula@mastroberti.art.br](mailto:paula@mastroberti.art.br))  
(<http://lattes.cnpq.br/2785011594553498>)

O publicitário paranaense Samir Mesquita, residente em São Paulo, parece acreditar que a dedicação à escritura e à leitura contemporâneas deve ser breve. Sua escrita é urgente e beiraria o anedótico, não fosse o jogo de palavras que, ao dispor de reduzidas dimensões de espaço e tempo, produzem uma espécie de bolha, alongando-se no efeito causado sobre o leitor através de uma ação prenha, que deseja sobreviver para além da efemeridade da chama acesa em um palito de fósforos.

Falamos de um escritor e seu lidar com a escritura dentro de um gênero cada vez mais difundido e discutido: o **miniconto**. Segundo Marcelo Spalding, um dos poucos pesquisadores brasileiros a se dedicar ao gênero,

A idéia de provocar efeitos artísticos mediante a utilização de um número limitado de elementos é talvez uma das mais frutíferas em trânsito na modernidade, numa clara reação à prolixidade e à redundância identificáveis em períodos anteriores. (SPALDING. 2008: 17.)

Para Spalding, o gosto pelas formas sucintas, porém impactantes, do miniconto, alinha-se à estética minimalista dos anos 60. Na internet, a versão literária do minimalismo, a *microfiction* ou *flash fiction*, encontrou “terreno fértil e centenas de escritores e leitores” (SPALDING. 2008: 23.). Essa forma derivada das anedotas orais, dos folhetos ilustrados e distribuídos gratuitamente entre os populares (tal como a literatura de cordel) e as primeiras antologias reunidas pela invenção da imprensa, e que abordavam temáticas picantes ou de caráter moralista-religioso, parece renovar seu compromisso com o leitor pós-moderno, protagonizado ora por um sujeito andarilho, para o qual o lugar de repouso é um sonho impossível, ora turista, para o qual a idéia de repouso não passa de um sentimento nostálgico (BAUMAN. 1998.)<sup>1</sup>. Dentro dessa perspectiva, a

---

1 Sobre o sujeito turista: “A peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar. [...] As escalas são acampamentos, não domicílios. [...] O “lar”, enquanto na “nostalgia”, não é nenhuma das verdadeiras edificações de tijolo, argamassa, madeira ou pedra. O momento em que a porta é trancada do lado de fora, o lar se torna um *sonho*. O momento em que a porta é

atitude leitora se realiza, não em uma postura íntima, de imersão solitária, silenciosa, estática e até acolhedora — tal como propõe o suporte tradicional, o livro em papel e as narrativas longas como o gênero do romance, cuja evolução encontra-se imbricada a das tecnologias de impressão<sup>2</sup> —; mas de uma postura fugaz e nervosa, onde o enunciado se torna anúncio, uma promessa-diretriz para a atualização de sentidos em cada ato dinâmico de interação entre receptor e objeto enunciativo.

Os mini — na verdade micro — contos de Samir Mesquita configuram-se exatamente assim: em uma, no máximo em três frases, com as quais muitas vezes o título se confunde na produção de sentido, o autor busca causar reverberações no leitor, multiplicando, através da fórmula “menos é mais”, as possibilidades de interpretação:

Choveu canivete.  
Ninguém sobreviveu para contar. (MESQUITA.  
2007:s.p)

Ou, em *Beijo de cinema*:

As luzes se apagam.  
Os olhos se fecham.  
O filme começa. (Idem. Ibidem: s.p.)

Vê-se como o autor ora brinca com clichês metafóricos e o non-sense, ora assume um tom próximo ao lírico. Em meio a esse jogo lúdico com a linguagem, há ainda espaço para a anedota:

— Elvis não morreu.

---

trancada pelo lado de dentro, ele se converte em *prisão*. O turista adquiriu o gosto pelos espaços mais vastos e, acima de tudo, completamente abertos.”(BAUMAN. 1998: 114-117.) Sobre o sujeito andarilho ou, na tradução da Ed. Zahar, o *vagabundo*: “Se estão em movimento, é porque foram impelidos por trás [...]. Para eles, estar livre significa *não ter de viajar* de um lado para o outro. Ter um lar e ser permitido ficar dentro dele. [...] sabem que não ficarão por muito tempo, por mais intensamente que o desejem, uma vez que em nenhum lugar parecem bem-vindos.” (Idem. Ibidem: 117-118.) Por fim, conclui Zygmunt Bauman: “[...] sugiro-lhes que, em nossa sociedade pós-moderna, estamos todos — de uma forma ou de outra, no corpo ou no espírito, aqui e agora ou no futuro antecipado, de bom ou de mau grado — em movimento; [...] (Id. Ibid.: 118.)

2 Assim relata Wilson Martins, referindo-se ao desenvolvimento da literatura e da crescente industrialização da produção de livros no século XIX, responsável pela popularização do folhetim e do romance: “[...] não se pode afirmar que o espírito tenha criado as máquinas de que necessitava, ou que, ao contrário, essas máquinas, uma vez criadas, tenham propiciado ao espírito o alargamento das suas possibilidades potenciais. [...] lembremos que o século XIX é um grande *criador* de livros, tanto no que concerne a “invenção” espiritual quanto no que se refere ao desenvolvimento material da tipografia.” (MARTINS. 1996:227.)

— Então me vê mais dez gramas. (Id. Ibid.: s.p.)

Nessas amostras cuja função é ilustrar, e não analisar o estilo do autor, o que interessa é o modo como este, com intenções de captar o leitor contemporâneo, se utiliza dos vários suportes midiáticos para fazer transitar sua escritura. Pois Mesquita não se satisfaz em produzir rápidas intervenções verbais, pílulas literárias de efeito imediato; ele quer interferir também na sua circulação e, dessa maneira, revela-se um autor atento às demandas do seu tempo (e também do espaço de divulgação que lhe é disponibilizado). Mesquita é, afinal, tal como seu leitor, um sujeito que igualmente vive a dinâmica da urgência e do imediato — um sujeito que não parece sentir-se nostálgico em relação ao tradicional sistema literário, tampouco sonhá-lo como um local de repouso (entenda-se de aceitação, de consagração), ao contrário de outros tantos escritores; menos ainda pretende vincular-se exclusivamente ao código tradicional e aos seus processos de produção e de circulação, mas transita, andarilho e/ou turista, por diversos meios e linguagens. Compreende, como publicitário, que o suporte tem sua função poética, comunicativa e é interferente na recepção do verbo, este sem corpo próprio, mas sempre dependente de uma encarnação (oral ou gráfica, digital ou impressa). E o que se soma ao trabalho de escritor de Samir Mesquita que torna o jogo literário por ele proposto tão interessante? Uma **caixinha de fósforos**.

Dentro de uma embalagem que parodia a da Pinheiro/Fiat Lux, Mesquita coloca um microlivro de 50 microcontos encadernados em uma microcapa que reproduz um conjunto alinhado de fósforos virgens. No rótulo da embalagem, o título **Dois Palitos**, e informações sobre o conteúdo e endereço do site criado pelo autor. Neste site, encontramos *links* para seu blog e também para um *email* de contato, através do qual se pode encomendar as caixinhas. O autor, porém, não se contenta em embalar seus textos na matericidade desse objeto que é, ao mesmo tempo, metáfora de miniaturização e de efemeridade; na home do site, podemos acessar uma versão virtual da mesma caixinha e, através dos recursos de animação Flash, abri-la e ler alguns microcontos disponíveis.

Não se trata de simular uma experiência real, o que resultaria em mera redundância ou simples signo indicial de sua extravagante versão impressa: a

cada escolha do conto, um palito é animado para fora da caixinha e se acende na lateral da caixa (ouve-se o ruído do fósforo atritando contra a caixa e o som explosivo da combustão), oferecendo o tempo de leitura exato de sua queima. Ao esvaziar-se a caixa, esgota-se a seleção de microcontos.

Temos, dessa maneira, duas versões da mesma obra, disponíveis em duas tecnologias e suportes midiáticos diferentes; sem abrir mão da versão impressa, Samir Mesquita inova o suporte gráfico, refletindo sobre o potencial de sua interferência significativa. O objeto de pequenas dimensões, relativamente barato<sup>3</sup> e inusitado enquanto substância de literatura, interfere semioticamente e brinca com os valores simbólicos que o próprio microconto, enquanto discurso, transparece, a saber: economia e agilidade no ato de leitura, dimensões reduzidas, significados e valores transitórios, dependentes de uma apreensão imediata (que remete ao *flash* do fósforo que acende e temporariamente ilumina). No site, a versão digital, embora não reproduza todos os contos da versão impressa, aumenta o potencial semântico e provoca outras reflexões, devido à animação da queima de cada fósforo, posteriormente descartado por sua inutilidade (ele cai página abaixo e se desfaz na brancura da tela).

Esse novo modo de interação com a obra assume, por outro lado, as convenções de uma narrativa em códice, com início, meio e fim: no início, a caixa de fósforos, fechada, abre-se com um clique do mouse; a seguir, os microcontos podem ser lidos, porém com menos liberdade do que na versão impressa: nesta, podemos folhear as micropáginas e escolher o microconto que nos interessa; naquela, é preciso primeiro retirar os fósforos que estão sobrepostos. A caixa digital vazia só voltará a aparecer preenchida num acesso posterior, depois que todos os fósforos forem queimados, mesmo que o usuário faça um reload. Por outro lado, ela poderá ser reaccessada diretamente do ponto de interrupção, como se tivéssemos aplicado um marcador.

Ao escolher uma caixa de fósforos como suporte e embalagem dos seus microcontos, Samir Mesquita faz uma reflexão sobre o gênero; ao

---

<sup>3</sup> Até o término desse artigo, cada caixinha poderia ser adquirida ao preço de R\$ 10,00 (postagem incluída).

virtualizar a caixa e transferi-la para a internet, acrescentando dados impossíveis de serem substancializados em objeto matérico, ele o transforma em uma narrativa que interliga as várias micronarrativas menores, propiciando ao usuário uma outra abordagem (e interpretação) dos enunciados verbais e visuais. Essa abordagem é, seguramente, mais dinâmica e interativa, mas também mais inflexível e transitória (quanto tempo as informações contidas no site permanecerão no ar? O tempo fugaz de uma chama de fósforo em combustão?). Por outro lado, não seriam essas as características do próprio miniconto (*flash-fiction*), transitivo direto e ao mesmo tempo fluido de uma impalpável gama de significados puramente impressionistas?

Autores como Samir Mesquita apontam para uma nova relação autor/obra/receptor. Outros inúmeros exemplos poderiam ser citados dentro da internet ou fora dela, experiências de integração entre mídias e conteúdos verbais, certamente derivadas de fanzines, jogos de computador e da experiência adquirida através da circulação pela internet e da exploração da linguagem das *webpages*. Essa nova postura independente, que prevê a hibridação obrigatória do texto literário aos mais variados suportes, acaba por implicar reflexões e modificações na própria linguagem verbal e dos gêneros literários que a estetizam; essa mesma postura se mostra atenta ao público ao qual se oferece essa nova produção, além de oportunizar uma tomada de consciência crítica sobre o sistema literário tradicional, o livro como suporte hegemônico e os hábitos de escritura e de leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-estar da Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARTINS, Wilson. A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MESQUITA, Samir. Dois Palitos. Independente, 2007. Versão digital disponível em: <http://www.samirmesquita.com.br/>. Último acesso: 9 de dezembro de 2008, 11:00.

SPALDING, Marcelo. “Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século” e a Reinvenção do Miniconto na Literatura Brasileira Contemporânea. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

## **SOBRE A AUTORA**

Paula Mastroberti é Bacharel em Artes pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985) e Mestre em Letras pela PUCRS (2008). Tem experiência na área de Artes Plásticas e Literatura, atuando como escritora, designer gráfico, ilustradora e artista plástica. Além de artista e escritora, é agitadora cultural e conferencista, contribuindo com a formação de estudantes e professores dentro das áreas de seu conhecimento. Cursa atualmente o doutorado em Letras pela PUCRS.

